

## Como os refugiados e imigrantes se adaptam no Brasil

O mundo tem passado por uma série de dificuldades nos últimos anos. Junto com crises financeiras que, muitas vezes, esvaziam países, nos vemos também diante de um cenário devastador de fenômenos da natureza (terremotos no Haiti, maremotos na Tailândia) e de guerra (conflitos na Síria, Paquistão, Afeganistão, Nigéria).

Como consequência destes fenômenos, observamos uma migração em massa da população desses países para outros, como Estados Unidos, Canadá, Argentina, Chile e Brasil.

Ao desembarcar em um novo país, em novas cidades e, muitas vezes, em novos continentes, deixando de lado a família, o emprego e, em alguns casos, boas condições de vida para recomeçar do zero, estas pessoas se veem, automaticamente, diante de desafios tremendos, especialmente no que diz respeito à cultura.

“Uma das maiores dificuldades que eu tive quando cheguei foi a língua e a cultura nativas. Aqui no Brasil, apesar de sermos recepcionados de forma calorosa, a cultura é diferente do que eu era acostumado na Nigéria. Vocês têm mais liberdade, e essa liberdade começa cedo. Como em namoros, por exemplo. Lá só podemos apresentar alguém formalmente para os pais depois dos 24 anos, e aqui, muitas vezes, já vemos pessoas em situação de paternidade e maternidade antes dos 18”, afirma Babs Backley, imigrante nigeriano.

Outro ponto reiterado pelo imigrante como fator de dificuldade para a adaptação é o idioma. “Já estou aqui em Brasília faz dez anos, e os primeiros três foram extremamente difíceis. A gente acha que em todos os países todo mundo domina o inglês, que é nossa segunda língua, junto com o francês. Mas quando cheguei em Brasília, pouca gente dominava o idioma ou estava disposta a me ensinar o português com base no inglês. Precisei aprender o idioma de vocês praticamente sozinho. Por um lado foi bom, porque isso fez com que eu me dedicasse a aprendê-lo. Mas, por outro lado, foi frustrante, por

existir situações em que eu levava mais de uma hora para solicitar coisas básicas”, explica Babs.

As guerras e os conflitos no Oriente Médio também têm sido responsáveis pelo grande número de pessoas quem vêm para o Brasil. Este é o caso da siriana Jana, de 34 anos, que desembarcou aqui há um ano e meio com seu marido e as três filhas. Ela explica que tomou esta decisão quando os conflitos em seu país ficaram intoleráveis. “Sempre soltavam bombas perto da nossa casa, da escola das minhas filhas e do nosso local de trabalho. Isso ficou insuportável de lidar. É terrível pagarmos o preço por uma guerra que eles dizem ser religiosa, quando nós sabemos que, na verdade, é somente uma questão de colonização da Síria”, contextualiza.

Para a família de Jana, a mudança no estilo de vida foi uma das maiores dificuldades. Hoje, eles vivem de doações e com a renda adquirida com a venda de comidas árabes. “A Síria era, para nós, um paraíso. Lá costumava ter tudo o que você quer. Sei que é difícil acreditar, mas era um país muito seguro. Tínhamos excelentes empregos, um bom padrão de vida... Sem contar que lá estavam nossa família e amigos. Quando observamos as imagens que passam de lá hoje na televisão, é inacreditável. Está tudo destruído”, explica ela.

Foi um desafio e uma decisão difíceis sair da Síria e buscar um novo lar, mesmo que temporário. Ao ser questionada a respeito da escolha pelo Brasil, a resposta foi imediata. “Era o único país que estava disposto a dar o visto pra gente. Apesar da dificuldade em alugar um lugar pra morar, conseguir um emprego, aprender o idioma e se acostumar com um padrão de vida diferente, aqui estamos mais seguros. Acredito que a guerra irá acabar em breve, então, assim que isto acontecer, vamos voltar para o nosso país”, afirma.

O Brasil possui características singulares no que diz respeito à recepção de refugiados, imigrantes e apátridas. Na “Cartilha para Refugiados no Brasil”, constam todos os direitos que estas pessoas possuem aqui. Entre estes direitos estão o da “não devolução” – os refugiados não podem ser devolvidos para países que ameacem sua vida ou integridade física -, “não discriminação”, direito ao trabalho, direito ao livre trânsito pelo território brasileiro, não sofrer violência sexual ou de gênero, direito à saúde, entre outros.

Apesar de muitos dos estrangeiros residentes no país e na capital federal nutrirem um desejo de voltar ao seu país de origem, outros não cogitam esta possibilidade. Esse é o caso de dez paquistaneses que chegaram em Brasília em agosto deste ano, e que buscaram refúgio em uma paróquia no Riacho Fundo.

I.



*Paquistaneses no Riacho Fundo I (arquivo pessoal).*

Todos eles vieram para a capital na esperança de se livrarem de vez dos conflitos existentes na divisa entre Paquistão e Afeganistão. Ao chegarem na paróquia, o padre informou a situação deles e, na busca por voluntários para ajudar na alfabetização dos rapazes, surgiu Pedro Silva, 29 anos. Junto com sua esposa, Pedro lidera a campanha “Paquistão fica aqui”, onde são solicitadas doações em dinheiro (para pagar os agentes de viagem que trouxeram o grupo), materiais de higiene pessoal, comida e auxílio de pessoas bilíngues que possam ajudar na alfabetização dos refugiados com o português.

“A questão do idioma é uma coisa muito importante no caso deles. No Paquistão eles trabalhavam como caixa de supermercado, por exemplo, coisa que aqui no Brasil é impossível por causa da diferença do idioma. A oferta de emprego aqui é boa nos casos em que a técnica se sobressai à comunicação. Um deles já conseguiu trabalho como mecânico, e o outro como ajudante de marceneiro. Ambos têm facilidade nessas áreas por conseguirem se virar de

forma fácil com a técnica, sem precisar de muita interação com o público”, explica Pedro.

“Todos eles são requerentes a refugiados. Querem entrar aqui como refugiados, mas antes disso eles passam por um estágio probatório de um ano. Nosso trabalho é ajudá-los na adaptação aqui, no sentido de arrecadar doações, alfabetizá-los com o idioma, conseguir oportunidades de trabalho e agilizar os documentos que permitam que eles fiquem no Brasil de vez, uma vez que nenhum deles quer voltar para o Paquistão”, salienta.

Fora as instituições sociais e a ajuda da comunidade, o grupo não conta com nenhum outro apoio. “Desde que entrei nesta campanha de ajuda aos refugiados, eu percebi que o brasileiro em si é muito acolhedor. Isto se for falar do povo, porque tem muita gente que já ajudou e continua ajudando. Já em relação ao governo, eu não vejo nenhum apoio em termos de ações concretas”, pondera.

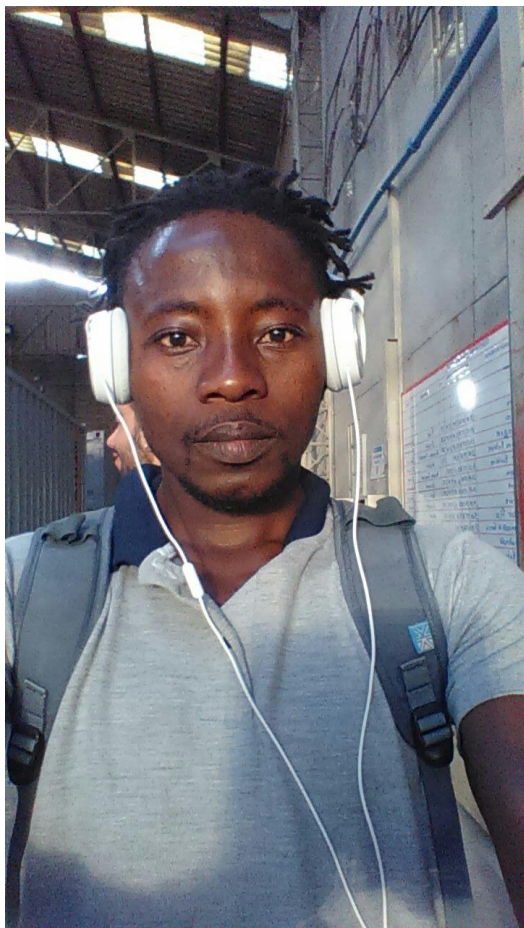
Saheed Hejai, de 22 anos, é um dos jovens paquistaneses acolhidos pela campanha. O jovem pretende reconstruir sua vida no Brasil e não tem planos de voltar ao Paquistão. “Eu acho que o problema com a guerra civil lá é tão grande que não existem possibilidades reais de acabar. Existe sim a questão da religião, mas a coisa vai muito além disso. Problemas com a política e de caráter social também têm sua grande parcela de culpa. Eu não quero voltar para o Paquistão. Estamos em uma guerra pesada desde 2007 e sem perspectiva de finalizar isso. Meu desejo é ficar aqui no Brasil para sempre”.

Os estrangeiros que vêm para o país em situação de refúgio têm maior facilidade de conseguir visto de permanência do que aqueles que vêm como imigrantes. Isto porque as exigências para permanência são diferentes para os dois casos. O foco nos refugiados muitas vezes é tão grande que os imigrantes se veem deixados de lado.

O ganês Adam, de 25 anos, vive este drama. Apesar de não ter vindo para o país por causa de conflitos, ele se adaptou ao Brasil e não pretende voltar para o seu país. Contudo, por não ter vindo em situação de refúgio, a possibilidade

de permanência é remota. Fora isso, existe ainda a dificuldade em trazer sua esposa e o filho, que ainda permanecem em Gana.

“Aqui eu consegui um lar. Desde que meu pai morreu, meu tio tomou conta das propriedades dele, expulsando todos nós. Minha única alternativa foi tentar a vida em outro lugar, e eu escolhi o Brasil por sua fama em termos de hospitalidade”, explica Adam.



“Mesmo assim, tem sido difícil, porque minha mulher e meu filho continuam lá, e eu quero a oportunidade de poder trazê-los pra ficarem comigo. Já consegui um trabalho, tenho uma casa alugada, tudo que não tive a oportunidade de ter em Gana. Mas é impossível viver em paz sabendo que estou longe da minha família”, conta ele.

Além da dificuldade em trazer sua mulher e filho, Adam convive com a incerteza de poder continuar no Brasil. “Todo ano eles me dão um documento que me permite ficar aqui durante 365 dias. Toda vez que vou requerer este documento fico apreensivo porque eles têm a possibilidade de simplesmente não

renovarem para o ano subsequente e, caso isto aconteça, eu tenho quinze dias pra deixar o Brasil. Isto não pode acontecer. Em Gana eu não tenho nenhuma perspectiva. Quando digo isso para o governo, eles dizem que não podem fazer nada porque eu não estou em situação de refugiado, e sim de imigrante. Neste caso, as chances de permanecer aqui são mais difíceis”, explica Adam.

Nestes momentos, a ajuda e o apoio de entidades sociais, que muitas vezes mergulham de cabeça na causa destas pessoas, são tudo o que resta. “Não nos pedem ajuda humanitária, mas sabemos que é necessário e vamos continuar a oferecer. Temos que investir em incidência política para acabar

com estas guerras, mas também precisamos ajudar nossos irmãos que chegam aqui em busca de uma nova vida. Ao mesmo tempo, precisamos pedir também para que os países, principalmente da África e do Oriente Médio, de onde vêm muitas dessas pessoas, mudem suas políticas para que seus habitantes possam viver dignamente nos seus próprios lares. O migrante forçado está nessa situação de forma forçada, por não ter alternativa. Ou migra, ou morre. E, no caminho da migração, há muitos riscos. São muitas as pessoas que perdem a vida cruzando o mar ou sendo traficadas. Precisamos oferecer aos que conseguem chegar uma nova perspectiva de futuro”, enfatiza Michel Roy, secretário geral da Caritas Internacional.

Em um cenário de perdas, mortes, violência e desânimo, é obrigação de cada um de nós, como seres humanos, deixar claro para estas pessoas que somos e sempre seremos um país pronto a recebê-los de braços abertos, apesar de todas as dificuldades que nos limitam. Enquanto houver pessoas dispostas a doar seu tempo, a partilhar de seu alimento, a contribuir para confortar os irmãos necessitados, ainda haverá esperança em dias melhores.

*Por Tanara Adriano de Oliveira*